COMO PENSAR COMO UME QUEER REVOLTADE

texto,
design e
diagramação:
angie.

mural em homenagem a Chrismilly Pérola "piu-piu", e às travestis assassinadas recentemente no Recife.

O MUNDO É FEITO DE CISHETEROTERRORISMO

No dia 24 de junho de 202I a travesti Roberta Nascimento é queimada viva em Recife, PE, por um adolescente de I5 anos. O ódio social mobilizado contra pessoas transviadas e desobedientes de gênero (segundo a formulação de Jota Mombaça) justifica a violência legítima que desde sempre atinge as corpas transfemininas.

Após o ato terrorista, o adolescente foi direcionado para os aparelhos repressivos do Estado* designados para controlar a situação. A violência individual do seu ato mobilizou opiniões em defesa da redução da maioridade penal, fundadas no desejo de punir o crime. Mas condenar e punir este ato individual, apesar de cumprir o papel de uma catarse simbólica, encobre o caráter [c]istêmico dos transfeminicídios em curso pelo Brasil e pelo mundo. Punir o crime contra Roberta não -

- é uma tarefa que poderia ser conquistada pelo encarceramento de um menino adolescente. Punir o crime contra Roberta significaria punir cada ação, cada omissão, cada decisão política que garante a manutenção do genocídio negro no brasil e da guerra abertamente declarada contra as experiências e vidas trans.

Para punir o crime contra Roberta, teríamos que estar revoltades. Porque o assassinato de uma travesti é um ato de cisterrorismo, precisamos responder de forma traveco-terrorista (s.f.d. Tertuliana Lustosa). Para punir o crime contra Roberta, Piu-Piu, Kalyndra e todas as outras, precisaremos quebrar cada banheiro público, atear fogo em cada livro que perpetua o regime binário da diferença sexual; Precisaríamos levar aos escombros cada lar, hospital, praça, universidade, espaço e instituição que exclui [c]istêmicamente pessoas transvestigêneres.

O MUNDO É FEITO DE CISHETEROTERRORISMO. E SE QUISERMOS SER SALVAS. PRECISAMOS NOS REVOLTAR DE FORMA TERRORISTA CONTRA O MUNDO

A norma cria os terroristas da norma

NOMEANDO NORMAS
(SEGUNDO A FORMULAÇÃO DE JOTA MOMBAÇA)

Falar sobre A Norma não é nomear uma mera expectativa social. Quando falamos dA Norma, falamos do projeto de arquitetura hostil que constrói o mundo. A normalidade é uma das principais ferramentas de manutenção do poder do Estado, e ela toma forma quando os múltiplos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs)* dividem corpos, aparências, comportamentos, sexualidades, performances e experiências entre normais e anormais.

Quando somos assignades ao nascer dentro de um regime binário da diferença sexual, somos forçades a frequentar espaços masculinos ou femininos, andamos por cidades cuja arquitetura é dividida de forma binária, nos representamos perante ao Estado e às instituições como homens ou mulheres, e somos compulsoriamente violentades para nos adequarmos a performances de nossos gêneros -

- assignados, estamos em contato com o cisterrorismo [ou a cisnorma, cisnormatividade, cissexismo, (s.f.d Viviane Vergueiro) chame como queira] que constrói o mundo e garante a dominação de gênero.

Quando temos nossos desejos criminalizados, proibidos, marcados pela privatização e pela vergonha; quando somos agredides e estuprades por nos pegarmos pelas praças e esquinas, temos acessos básicos a saúde negados, somos expulses de casa por nossas famílias, ou temos nosso direito de livre associação impedido pelo Estado, estamos em contato com o seu caráter heteroterrorista (ou heteronormativo, heterossexista) que garante a estabilidade da reprodução social* na economia capitalista baseada na hetero-família-monogâmica.

A principal ferramenta de manutenção dA Norma é a marcação dos anormais através de múltiplos aparelhos discursivos* que garantem a criação de posições de sujeito criminalizadas, ostracizadas e patologizadas.

A obediência à norma é garantida pelo poder disciplinar do Estado, que faz com que sejamos ensinades, desde pequenes, a vigiarmos cada um de nossos comportamentos, punindo os desvios.

O Estado não precisa controlar cada um de nossos passos e ações, porque nós somos treinades para atuar como uma polícia sexual e de gênero para nós e para outres. Somos treinades para detectar e punir sinais de não-conformidade de gênero ou de desobediência sexual, e, neste processo, nos tornamos peões que garantem a manutenção do poder cisheterossexual.

<u>foda-se a polícia de gênero: mate o policial cisheterossexual que está na sua cabeça</u>

MATE EM VOCÊ O MACHO BRANCO SENHOR DE ENGENHO COLONIZADOR CAPATAZ QUE PENSA ESTAR SEMPRE À FRENTE MAS VIVE PARA TRÁS (LINN DA QUEBRADA)

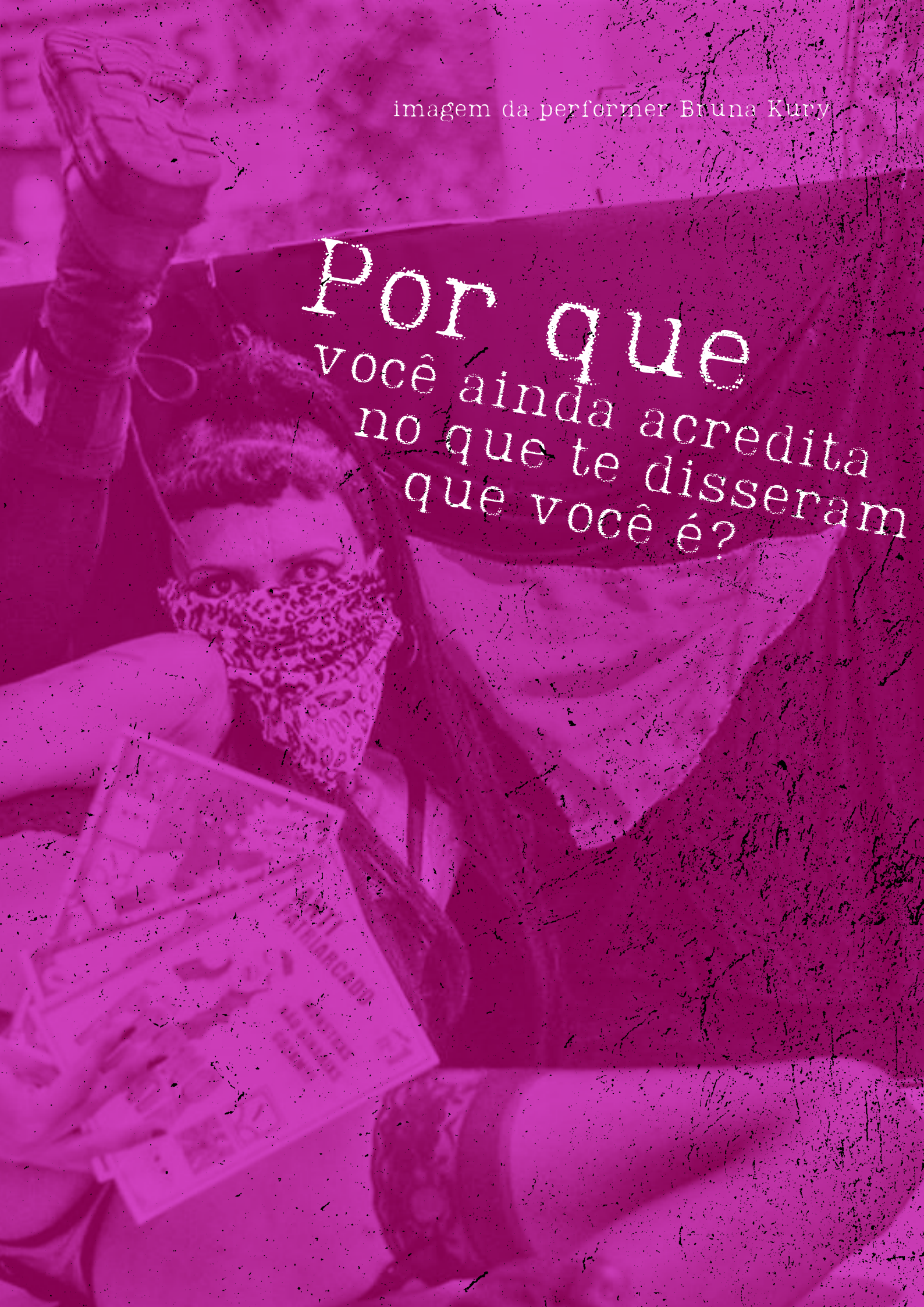


imagem da performer Bruna Kury

IDENTIDADES BIOPOLÍTICAS

S.f.d Michel Foucault, a biopolítica é o principal modo de operação do Poder na sociedade moderna pós séc. XIX. Enquanto nos regimes anteriores o poder se dava pela ameaça da morte (se concretizando em execuções públicas), o biopoder opera pela administração meticulosa da vida e dos fenômenos de população. No biopoder, o controle é exercido a partir do gerenciamento de marcadores de natalidade, mortalidade, saúde e longevidade de populações.

A identidade aparece como uma das principais ferramentas de operação do biopoder. Quando a antiga sodomia se transforma na condição patológica do homossexualismo, ou quando o travestismo se transforma na condição patológica da transexualidade, essas práticas desobedientes sexuais e de gênero se tornam marcas que designam populações inteiras a serem gerenciadas pelo poder, possibilitando a mobilização de múltiplos AIEs e AREs para garantir a estabilidade da cisheteronorma.

Quando nos apresentamos perante ao estado como Homossexuais, Transexuais, Travestis, Bissexuais, Lésbicas, Intersexuais e quaisquer outras identidades, não estamos fazendo nada além de negociar os termos dentro dos quais seremos marcades como populações e incorporades no jogo do poder.

A partir das identidades, estudos serão feitos, políticas públicas serão desenvolvidas, decisões políticas serão tomadas, e nossas vidas, mortes e histórias se tornam números e estatísticas a serem contabilizados como fenômenos massivos a serem gerenciados pelo Estado.

A biopolítica distribui massivamente recursos e segurança para uns, precariedade e vulnerabilidade para outres, com base nos ideiais normativos que garantem o funcionamento e a manutenção do poder [cis-hetero]Patriarcal-Capitalista-Imperialista de Supremacia Branca (s.f.d bell hooks).

A MULTIDIMENSIONALIDADE DA VIOLÊNCIA

Porque somos marcades por múltiplas identidades interseccionais*, experienciamos a violência de forma interseccional. As violências machistas, racistas, cisheterossexistas, capacitistas e capitalistas nos atingem ao mesmo tempo, sem ordem de prioridade. Não podemos fazer política como gays, ou lésbicas, ou bissexuais, ou trans, ou qualquer outra coisa tomando nossas dissidências sexuais e de gênero como questões únicas. As identidades políticas LGBT+ que se mobilizam a partir do gênero e da sexualidade como questões únicas promovem o apagamento de todas as outras categorias que perpetuam nosso aniquilamento.

Não podemos falar de assassinatos de travestis sem compreender como essas mortes são coextensivas ao genocídio negro. Não podemos esquecer que as violências capitalistas que nos empobrecem são o -

- principal fator que nos torna vulneráveis à violência cishetero, e que a estrutura da família heterossexual monogâmica que nos mata é crucial para a manutenção da reprodução social capitalista. É impossível falar de enfrentamento à violência homofóbica sem considerar como o Estado e as suas polícias perpetuam desde sempre essa violência de forma [c]istêmica, usando a não-conformidade de gênero como principal marcador do desvio.

Se a violência e a opressão são multidimensionais, essa multidimensionalidade também precisa estar presente em nossa resistência.

DESPOLITIZAÇÃO

Quando não reconhecemos a natureza multidimensional de nossa opressão, perdemos os horizontes radicais que possibilitam a destruição completa do mundo que é construído conta nós. A despolitização (s.f.d Roderick Ferguson) é o processo de captura de nossas capacidades de reação e autodefesa, que reduz nossas capacidades de -

- construir uma luta imaginativa e criativa contra esse mundo, nos obrigando a jogar segundo as regras do [c]istema.

> A despolitização acontece quando eleições, políticas públicas, instituições e negociações burrocráticas se tornam nossos maiores horizontes políticos: não conseguimos imaginar nenhuma saída além daquelas que o [c]istema nos dá.

Quando nossa resistência é despolitizada, passamos a desejar uma mera inclusão nas instituições já existentes: em vez de querer a destruição da família burguesa, passamos a desejar nosso direito ao casamento. Em vez de políticas radicais de autonomia corporal, nos contentamos com laudos patologizantes de transexualidade e clínicas de identidade de gênero. Em vez de desejar a queda do Estado e das polícias, pedimos a criminalização da LGBTfobia e aplaudimos a presença de bichas militares. Mas a lei não pode contra A Norma, e estas estratégias não nos salvaram. Nem vão nos salvar.

BICHA ! A ASSIMILAÇÃO NÃO VAI TE SALVAR

Enquanto uma bicha entra pro exército, outra bicha apanha da polícia. Enquanto duas bichas constroem uma linda família, a bancada evangélica mobiliza a defesa da família para incitar o aniquilamento das bichas, sapatonas, travestis, e de todes es outres. Enquanto uma travesti se torna uma proeminente acadêmica, outra travesti sai da escola aos I3 anos após ter sido expulsa de casa, e nunca terá o seu mundo linguístico respeitado. Enquanto uma sapatona é eleita, mais algumas centenas de sapatonas permanecem sob encarceramento.

Enquanto as bichas bem comportadas andam tranquilas na rua, as afeminadas, as que mostram seu afeto em público, são assassinadas. E as transbixas, as travestis, as minas transexuais e es transmasculines não têm a opção de passarem despercebides.

Para cada vitória individual bicha, trans ou sapatona dentro do [c]istema, mais IO bichas e trans são aniquilades.

O assimilacionismo diz o seguinte: nós podemos ser comportades. Podemos domar nossa promiscuidade, casar, exercer uma boa cidadania, amar nossa nação, entrar para a polícia, servir ao exército, frequentar a igreja, construir uma família, andar de forma comportada da rua, defender nossos gêneros, jogar o jogo assassino da sua política. Nós podemos nos render ao mundo. Nós podemos ser exatamente como vocês e só precisamos que vocês nos dêem um espaço.

E, para ser honesta, algumes de nós realmente podem. E o fazem. Mas a maioria de nós só é capaz de existir apesar desse mundo, e desde sempre contra ele. O assimilacionismo não vai salvar as afeminadas e caminhoneiras. O assimilacionismo não vai salvar as travas sem passabilidade alguma. O assimilacionismo não vai salvar es bissexuais não-monogâmiques que se recusam a serem domades. O assimilacionismo não vai salvar as pessoas -

não-binárias que escolhem o não conformismo de gênero como estética de vida, e os boycetas que se recusam a jogar o jogo da masculinidade dominante. O assimilacionismo não vai salvar as crianças intersexo da mutilação genital. O assimilacionismo não vai salvar es FRRRKs que modificam radicalmente seus corpos. Não vai salvar as putas. O assimilacionismo não vai salvar es racializades, es empobrecides, es perifériques, es encarcerades, es soropositives e es desobedientes. Para nós, a aceitação e inclusão no mundo cisheterossexual não é uma opção.

Já tentamos o assimilacionismo. E continuamos morrendo. Fomos aniquilades pelo HIV, pela miséria, pela patologização, pela violência organizada da população e pela polícia. Precisamos aprender com a história e entender: vão tentar nos matar de novo. Enquanto o mundo se sustentar pela nossa exclusão, não estamos segures. E precisamos reagir.

registro do happening "Xereca Satânik" na
Universidade Federal Fluminense, de
autoria do Coletivo Coiote
desobedecer
desafiar
destruir

MAS QUE PORRA É QUEER, AFINAL?

Originalmente usada para designar pervertidos, putas, pessoas improdutivas que não trabalhavam e as demais categorias socialmente indesejáveis, queer é uma palavra do inglês que pode ser traduzida para "estranho, esquisito, anormal", e que passou a ser utilizada como insulto para pessoas transviadas, desobedientes sexuais e de gênero no contexto anglófono.

Nas décadas de 80 e 90, nos EUA, a palavra Queer começou a ser reivindicada por um grupo de ativistas radicais da dissidência sexual e de gênero que buscavam combater as tendências assimilacionistas e unidimensionais do movimento homossexual organizado à época, buscando a afirmação de uma (anti)identidade comum na diferença, e reafirmando um compromisso interseccional de solidariedade radical transviada.

Para es queers, serem representades por uma identidade comum não era importante: queers valorizavam a afirmação da diferença que não quer ser assimilada (s.f.d. Guacira Lopes Louro), e valorizavam o caráter único de cada pessoa que se nomeava a partir dessa posição.

> Queers buscavam perturbar a ordem e a tranquilidade heterossexual: promovendo beijaços em locais públicos, invadindo bares heterossexuais, praticando e promovendo a desobediência de gênero, e usando táticas espalhafatosas e potentes de conquista de visibilidade que afirmavam "SOMOS QUEERS, ESTAMOS AQUI, ACOSTUMEM-SE COM ISSO!!"

O principal ideal do movimento era o de nomear os modos como a heteronormatividade / cisnormatividade costruía o "normal" de forma violenta, afirmando-se como uma investida dos anormais contra a norma.

Com fortes tendências anarquistas*, os movimentos queer subsequentes promoviam a revolta, a desobediência e a subversão como modos privilegiados de reagir ao sistema.

UM CURTO MANIFESTO DE OPOSIÇÕES QUEER/CUIR:

I. Queer se opõe à Norma porque fazemos a (anti)política dos anormais. Somos viadinhos, bi-chonas, sapatonas, traveconas, boycetas, putas, pervertides, transviades, aleijades, esquisites e todos os outros insultos que podem ser mobilizados contra nós. Afirmamos a diferença radical e nos espalhamos como vírus, como praga, para o pesadelo deste mundo.

2. Queer se opõe ao Capital porque o capitalismo organiza todas as opressões que nos aniquilam. Nós sobrevivemos, desde sempre, pela coletividade e interdependência transviada.

3. Queer se opõe ao Estado porque o Estado elege Damares Alves e a bancada evangélica, mobiliza suas polícias contra nós, nos empobrece, nos negligencia, e nos marca para sermos agredides, violades e assassinades. O Estado é o hetero[c]istema que precisamos destruir.

4. Queer se opõe à busca por igualdade porque não somos iguais a vocês. Não somos racistas, capitalistas, misóginos e capacitistas como vocês. Não amamos a igreja de vocês. Não queremos um lugar no mundo de vocês: queremos a destruição criativa do mundo, para dar espaço ao que temos de melhor.

5. Queer se opõe à política representacional porque o que nos unifica é a diferença. Não queremos uma bicha cis branca rica política a falar por todas as bichas. Não queremos ser representades porque acreditamos nas nossas capacidades de autogestão, autorrepresentação, e queremos a autonomia que foi roubada de nós.

6. Queer se opõe à identidade porque somos desobedientes, rejeitamos a biopolítica e não aceitamos as marcas que usam para nos disciplinar. Não acreditamos que somos homens ou mulheres, homossexuais, heterossexuais ou bissexuais, não acreditamos que somos transexuais, mas que somos uma multidão de falhas, de hackers sexuais e de gênero que escapam de qualquer tentativa de definição.

MAS QUEER NO BRASIL ?

Chame como quiser: movimento cuir, revolta transviada, terror das bichas, movimento cu, traveco-terrorismo, revolução sapatona, queerbrazil.

A Teoria Queer chega ao brasil, a partir do final dos anos 90 e início dos anos 2000, por vias [cis]brancas e acadêmicas. E, de modo geral, assim permanece. [e por isso estamos aqui: queremos a destruição da barreira acadêmica que nos afasta de conhecimentos críticos para a nossa [re]existência] A dificuldade de tradução do termo "queer" dificulta a comunicação da radicalidade que a palavra evoca, e faz com que "queer" no brasil seja envolto em má interpretação e mistério. Ainda assim, conhecimentos, impulsos e tendências radicais que ressoam com o queer existem por estas terras desde muito antes.

Impulsos anárquicos e antiassimilacionistas existem nessas terras desde que o poder existe. O movimento e a teoria queer apenas dão nome a um pensamento e desejo compartilhado por bichas, travestis, homens trans, lésbicas, bissexuais e dissidentes sexuais e de gênero por todo o mundo: não aceitaremos a assimilação e queremos quebrar tudo.

Enquanto a discussão de uma "teoria queer" no brasil tem fomentado importantes contribuições para o movimento LGBT+, nestes tempos sombrios, neonazistas e de políticas de aniquilamento, precisamos agitar essas proposições em toda a sua radicalidade: não seremos aniquilades.

Performance do Coletivo Coiote na Marcha das Vadias 2013

você se surpreenderia com o que o seu corpo pode fazer.

UM PEQUENO MANUAL QUEER DE RESISTÊNCIA SEXUAL

I - não deixe ninguém te dizer o que fazer com seu corpo.

2 - não tenha medo de explorar novos prazeres. seu corpo e sua mente são seu maior laboratório.

3 - se eduque. busque informações úteis pra entender seu corpo e o corpo de outres. aprenda a satisfazer seus prazeres com segurança. compartilhe essas informações.

4 - não existe jeito certo de transar. não existe jeito errado de transar. não existe transar demais. não existe transar de menos.

5 - o espaço público é saturado de heterossexualidade. não tenha vergonha de expressar seu tesão anormal e desobediente. beijaços e orgias têm sido táticas queer de interveção urbana há tempos.

6 - não existe corpo ruim. não existe corpo não-apto para fazer sexo. a sexualidade queer é a contrassexualidade* (s.f.d. Paul B. Preciado): nós inventamos, todos os dias, modos novos e cada vez mais criativos de sentir e compartilhar nosso tesão.

7 - abandone suas noções preconcebidas do que o sexo é ou deveria ser. se abra para a invenção e a descoberta. é possível desejar fora da economia falocêntrica, fora do regime binário da diferença sexual, fora da dominação de gênero. aqui, na multidão queer, descobrimos como desejar de forma ciborgue e pós-humana (s.f.d. Donna Haraway).

8 - abandone noções de pecado, promiscuidade e imoralidade. o controle da sua sexualidade é o controle da sua potência.

9 - a única regra é o consentimento. porque somos sexualmente positives, o consentimento e a autonomia corporal são imperativos feministas que guiam nossas ações.

UM PEQUENO MANUAL QUEER DE DESOBEDIÊNCIA DE GÊNERO

I - gêneros são construídos por tecnologias (a linguagem, a arquitetura, a fotografia, a moda, as biotecnologias, os documentos, a violência, os discursos). não há tecnologias que a multidão queer não possa hackear. aprenda a hackear as tecnologias de gênero que te controlam.

2 - quando reconhecemos que todos os gêneros são artificiais, podemos nos entender como guerrilheires criatives: a disidentificação* e a experimentação são nossas maiores armas. Não tememos a dupla consciência. Nós habitamos a consciência mestiza. (s.f.d. Gloria Anzaldua) Podemos ser homens-que-não-são-homens, mulheres-que-não-são-mulheres, por sabermos como nos posicionamos nos múltiplos regimes de poder em termos de gênero, mas mantendo nossa sempre viva capacidade de autodefinição e desobediência.

3 - porque somos desde sempre disidentificades, aprendemos a interpretar personagens. é possível desviar essa estratégia de sobrevivência: se entregue a exercícios antropofágicos de atua-ação.

4 - não respeite nenhuma polícia de gênero que quiser se disfarçar atrás da ficção da natureza e da autenticidade: sabemos que não somos de verdade, só queremos expor que vocês também não são (s.f.d. Helena Vieira)

5 - porque não há nenhum gênero autêntico, nenhuma identidade de gênero pode ser acusada como artificial demais: identidades não-binárias, pós-humanas, FRRRKs, xenogêneros, e quaisquer outras invenções e intervenções criativas sobre o corpo e a subjetividade são paródias valiosas para o nosso niilismo de gênero.

6 - a autodefinição é a lei. a linguagem é a tecnologia suprema: quando declaramos quem somos, construímos ativamente essa realidade.

o seu tesão é a
insurreição
mais excitante

REDES DESVIANTES DE APOIO

I. Porque somos excluídes de nossas famílias e círculos de sociabilidade, precisamos de redes de apoio afetivas e de cuidados que garantam nossa sobrevivência. As casas de acolhimento, os bailes, os grupos de amigues e os núcleos de maternidade coletiva que criamos são estratégias que contraproduzem as relações que nos fizeram acreditar que eram o amor.

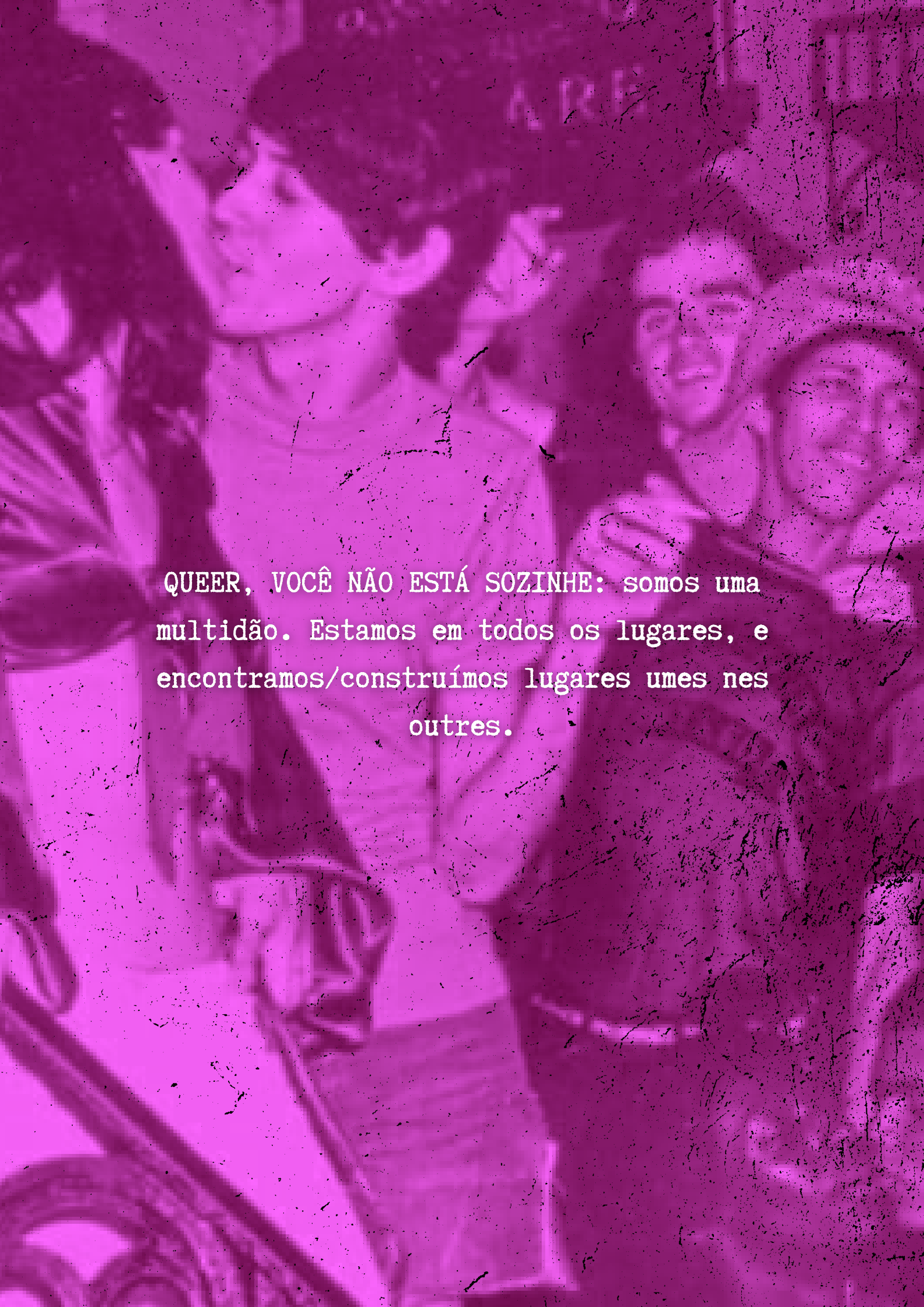
2. Porque somos excluídes do mundo do trabalho, precisamos de redes de apoio econômicas. Transviades que compartilham seu dinheiro, seus pertences, seus alimentos e recursos umes com es outres enfrentam as violências capitalistas que buscam nos desprover de tudo.

3. Porque somos excluídes do mundo da representação, porque somos ridicularizades, apagades, invisibilizades, precisamos de redes de apoio artísticas e discursivas que permitam a criação de mundos linguísticos -

- próprios que boicotem o mundo cisheteroterrorista (s.f.d Maria Leo Araruna). Nossos saraus, nossas exposições independentes, nossas festas, nossas conversas, nossos bajubás e linguagens neutras, nossas mídias autônomas, nossas trocas artísticas, nossos grupos de estudos, nossos bancos coletivos de informações sobre homornização, e nossas tecnologias de representação permitem a preservação e construção coletiva de nossas histórias e memórias.

4. Porque somos alvos de violência e somos excluídes do espaço público, precisamos de redes de redistribuição da violência (s.f.d. Jota Mombaça) que garantam a recuperação das nossas capacidades de lutar e reagir. Nossas aulas de autodefesa, grupos autônomos que nos protegem em atos, nossas trocas de táticas, nossos cuidados e apoios emocionais, nossas palavras de encorajamento, nossos modos criativos de explorar nossa raiva e nossas evocações de fantasias de violência permitem que enfrentemos o medo que este mundo quer instigar em nós.

5. Porque somos marcades como feies, indesejáveis, censuráveis, estupráveis e objetificáveis, precisamos de redes de apoio sexual (s.f.d. Linn da Quebrada) que garantam a reconstrução de nossa dignidade, liberdade e autonomia. Nossas práticas sexuais coletivas, nossas iniciativas de educação sexual popular e iniciativas pós-pornográficas de compartilhamento de imagens e práticas que preservem nossas culturas sexuais alternativas possibilitam a criação de novas economias sexuais e estéticas do desejo que não estejam baseadas na censura, na reprodução da norma cisheterossexual e na repetição da violência patriarcal. O nosso desejo é o desejo pela liberação, e nossa liberdade sexual é celebrada como positiva.



QUEER, VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHE: somos uma multidão. Estamos em todos os lugares, e encontramos/construímos lugares umes nes outres.

GLOSSÁRIO

*AIES (APARELHOS IDEOLÓGICOS DO ESTADO)

Os AIEs são todas as instituições que garantem a reprodução das ideologias do Estado: A mídia, as Escolas, as Leis, os discursos Médico-Psiquiátricos, A Cultura Hegemônica, as Instituições Religiosas, etc.

*APARELHOS REPRESSIVOS DO ESTADO

Os aparelhos repressivos do Estado são as múltiplas instituições que garantem o poder de punição violento do Estado: a coersão social, as tecnologias de violência, o judiciário, as polícias, as prisões e os manicômios.

*DISCURSO

S.f.d. Michel Foucault & Stuart Hall, o Discurso é aquilo que molda o objeto do qual se fala, definindo e produzindo os objetos do nosso conhecimento. Além de definir as regras dentro das quais o conhecimento sobre qualquer assunto pode ser produzido e -

-circulado, os discursos definem posições de sujeito-objeto que integram esses discursos. O discurso médico-psiquiátrico produz a autoridade do profissional de saúde e a doença do sujeito que ele marca como anormal. De forma resumida, o discurso pode ser compreendido como a rede onde conhecimento e linguagem se interseccionam com o Poder, organizando a realidade social.

*INTERSECCIONALIDADE

De forma resumida, a Interseccionalidade (s.f.d. Patricia Hill Collins) é a ferramenta analítica e praxis política feminista negra que se baseia na ideia de que as categorias que constroem a realidade social (gênero, raça, classe, sexualidade, idade, nação, capacidade, etc.) não apenas operam juntas, como também constroem-se umas as outras, criando experiências complexas dentro dos sistemas de opressão. Sob um olhar interseccional, não podemos escolher uma categoria única (ex: gênero) como questão, já que cada categoria é atravessada por todas as outras.

*REPRODUÇÃO SOCIAL

Chamamos de reprodução social o processo através do qual as estruturas das relações sociais garantem sua reprodução e perpetuação ao longo do tempo. Sob algumas perspectivas feministas marxistas, a reprodução social também é compreendida como a série de atividades que envolvem o trabalho reprodutivo - o trabalho de gerar, criar, educar, e cuidar de pessoas das mais variadas formas, incluindo o trabalho doméstico - e que se baseiam na exploração do trabalho feminino pela família monogâmica. O núcleo familiar burguês heterossexual individualiza a responsabilidade pelo trabalho reprodutivo, fazendo com que as pessoas se preocupem em prover recursos de alimentação, moradia, saúde, educação, lazer e etc. para suas famílias, em vez de compreender a distribuição desses recursos como uma responsabilidade social coletiva. Além disso, é esse modo de organização da reprodução social que garante, sobretudo a manutenção da força de trabalho no capitalismo.

*ANARQUISMO

Anarquismo é uma ideologia e práxis políica e filosófica que se opõe à todas as formas de dominação, incluindo a dominação Capitalista e de Estado.

*DISIDENTIFICAÇÃO

A identificação é o processo através do qual introjetamos elementos do mundo externo, que passarão a fazer parte de nossas subjetividades. Em oposição, a contra-identificação pode ser compreendendida como o processo de descobrirmos quem somos a partir da diferença em relação aos outros. A disidentificação [leia dis-identificação como em dis-função ou dis-foria], por sua vez, é um processo duplo de identificação/contra-identificação, que não perde de vista as contradições inerentes a ambos os processos. Ela acontece quando nos identificamos com categorias mantendo a consciência de nossas diferenças cruciais em relação a elas, e vice-versa.

*CONTRASSEXUALIDADE

s.f.d. Paul B. Preciado, a contrassexualidade pode ser definida como "o fim da natureza como a ordem que legitima a sujeição de alguns corpos a outros [...] uma análise crítica da diferença sexual e de gênero, produto do contrato social heterocêntrico, e as performatividades normativas que têm sido inscritas em nossos corpos como verdades biológicas". Porque a contrassexualidade reconhece que o sexo, o corpo, o gênero e o desejo são construídos por múltiplos processos de significação, ela é a experimentação radical de posições de significação que possibilitem um conjunto de processos de des-territorialização do corpo e do desejo: é o constante deslocamento de sentidos sobre a sexualidade, o corpo e o gênero que nos permite enfrentar o poder totalizante dA Norma.

NUNCA. EM UM MILHÃO
DE QUEERS. HAVERÁ
OUTRE VOCÊ